

AQUILES NAS CRÔNICAS TROIANAS DE DÍCTIS E DE DARES

Gelbart Souza SILVA*

Resumo: Objetivamos a análise de Aquiles nos romances antigos escritos em latim conhecidos pelos títulos *Ephemeris belli Troiani* e *De excidio Troiae historia*. As duas narrativas anônimas respectivamente datadas dos séculos IV e V d. C. recontam a Guerra de Troia a partir do ponto de vista de um narrador em primeira pessoa e travam diálogo intertextual com o cânone mitológico e épico, em especial com as obras homéricas. Nosso exame assinala um Aquiles deseroicizado nessas duas obras, e a sua paixão por Políxena tem papel importante nessa (des)construção do caráter heroico.

Palavras-chave: Aquiles; De excidio Troiae historia; Ephemeris belli Troiani; Romance antigo.

Abstract: We aim to analysis Achilles in the ancient novels written in Latin known by the titles *Ephemeris belli Troiani* and *De excidio Troiae historia*. The two anonymous works respectively dating from the fourth and fifth centuries A.D. recount the Trojan War from the point of view of a first-person narrator and engage in intertextual dialogue with the mythological and epic canon, in particular with the Homeric epics. Our examination points out a de-heroized Achilles in these two works, and his passion for Polyxena plays an important role in this (de)construction of the heroic character.

Keywords: Achilles; Ancient Novel; De excidio Troiae historia; Ephemeris belli Troiani.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/IBILCE/UNESP). E-mail: gelbart.s.silva@unesp.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Introdução

Este texto se dedica à figura do herói, numa leitura intertextual, o que significa lidar com manutenção e ruptura de tradições, cânones e lugares-comuns. Tomaremos como objeto de análise *Ephemeris belli Troiani* (*Diário da Guerra de Troia*) e *De excidio Troiae historia* (*História da destruição de Troia*). Elegemos Aquiles como o personagem estudado por ser ele um dos mais emblemáticos do ciclo troiano, desde Homero até as adaptações mais recentes realizadas para a sétima arte. Antes de proceder à análise, vale discutir o conceito de herói.

“Herói”, segundo o dicionário Aulete on-line, é “Homem notável por sua coragem, feitos incríveis, generosidade e altruísmo”, “Personagem masculino principal de romance, peça teatral, filme etc.”, sinônimo de protagonista; “Homem que suporta, com firmeza e determinação inabaláveis, condições adversas.”, às vezes assumindo aspecto irônico; “Homem que por algum motivo desperta grande admiração”; “Figura que desempenhou papel importante em um acontecimento ou período histórico.”; “Homem que por bons ou maus motivos atrai as atenções.”; por fim: semideus, no campo semântico da mitologia. Por sua etimologia, a palavra ἥρωξ poderia ter compatibilidade com o indo-europeu *servā*, cuja raiz seria *ser-*, que formaria também a palavra latina *servare*, de sentido “conservar, defender, guardar, velar sobre, ser útil”; o herói, portanto, seria o “guardião, o defensor, o que nasceu para servir” (BRANDÃO, 1987, p. 15). Nagy (2017, p. 64-65) explica ainda que se pode entender o termo também em relação ao seu cognato ὥρα (*hōra*), que significa “sazonalidade”, de onde se entende que o “desajuste do herói a determinado tempo na vida mortal leva ao *telos* ou ‘realização’ da sazonalidade na vida imortal”. Em outros termos, pode-se cogitar que o herói é uma figura desenquadrada, fora da curva do real, do regular.

O étimo grego servia, desde a Antiguidade, para distinguir uma raça intermediária entre o mortal e o imortal, exatamente a intersecção entre esses dois espectros. Ilustrativos são os primeiros versos de Píndaro nas *Olímpicas*, II, 2: “que deus, que herói, que homem devemos celebrar?”.¹ A ordem da sintaxe deixa ainda mais patente a situação intermediária do herói, entre o puramente divino e o extremamente humano. O herói, o meio-termo entre o humano e divino, por mais das vezes, era fruto de um intercurso entre esses dois espectros (e.g. Hércules, filho de Alcmena e Zeus). Dessa linhagem que proviriam sua destinação a grandes feitos e sua natureza semidivina (*ἡμίθεος*). Segundo Nagy (2017, p. 49), “o significado do termo *hēmitheos* mostra uma compreensão genética do herói, sendo o potencial heroico algo programado de fato por genes divinos”. Esse gene divino pode conferir à parte humana poderes, mas não lhe dava a essência dos deuses: a imortalidade. Nesse sentido, “a mortalidade constitui o gene dominante” (NAGY, 2017, p. 50). E de fato o morrer não é só o destino final, como o ponto justificador da vida do herói, no sentido de que é no seu morrer, sempre cumprindo belamente um labor ou uma expiação, que ele encontra a sua perfectuação. Mais uma vez vale recordar Hércules, pois ele sofre apoteose no momento mais extremo do fim de sua vida. Brandão (1987, p. 65) explica que, após a morte, um herói se torna um *δαίμων* (*daímon*), oficializando a sua intermediação entre os homens e os deuses, por vezes servindo de “escudo poderoso” protetor da pólis contra adversidades como invasões e pestes. A figura

¹ τινα θεόν, τὴν ἥρωα, τινα δ' ἄνδρα κελადήσομεν; (PÍNDARO, *Olímpicas*, II, 2; tradução nossa).

do herói se torna então objeto de culto, com ritos próprios que se distinguem daqueles destinados aos deuses (cf. Heródoto, *História*, II, 44). Nas palavras de Nagy (2017, p. 54-55):

O conceito de herói transcende a épica ou o drama ou mesmo qualquer outro tipo de arte verbal. Na linguagem da Grécia antiga, o *hērōs* (plural *hērōes*) não é apenas uma personagem, não somente uma figura formada por um dado gênero de arte verbal, seja épica ou tragédia. O *hērōs* é também uma figura de culto. Em outros termos, o *hērōs* é uma figura que é venerada.

Se, por um lado, é a morte que justifica o herói e o torna perfeito, às vezes divino, é ao longo de sua vida que ele prova suas virtudes e vícios. As provações e labores pelos quais passa e os quais executa servem para delinear seu caráter. Nesse sentido, as narrativas heroicas dos mitos são sempre “de formação”. O herói mitológico mostra-se além da escala humana regular desde sua mais tenra infância. Mais uma vez, recorremos ao personagem já citado: Hércules matando as cobras (cf. Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca*, 2, 4, 8). A escalada do poder do herói acompanha o crescente da dificuldade, da complexidade e da importância de seus feitos e é provocada por ele (e.g. os doze trabalhos de Hércules). É em razão dessa característica que Brandão (1987, p. 42) afirma ser a “luta” a razão de ser do herói, entendendo o termo entre aspas no sentido mais amplo e abstrato que se pode usar, e não apenas como guerreiro.

A cultura grega que nos legou a designação também delimitou características gerais do que se pode considerar um “herói”: um ser que se destaca dentre seus pares por algum atributo. Esse traço distintivo, uma verdadeira síntese singularizante², é passível de ser resumido em uma só palavra. Sendo assim, pode-se mencionar que Hércules é representado pela potência:³ ele é o mais forte, o mais corajoso, o mais capaz, o mais glutão, o mais lascivo etc. Por sua vez, Ulisses pode ser resumido como astuto, prefigurando a linhagem *trickster* de personagens literários. Também se devem recordar palavras-chaves da cultura heroica grega, as quais designam os valores dos heróis. Brandão (1987) explica que *ἀρετή* (*areté*), a “excelência”, ou seja, “a superioridade em relação aos outros mortais”, e *τιμή* (*timé*), a “honorabilidade pessoal”, são duas virtudes que são inerentes à condição do herói. Além dessas duas características, observa-se que o herói mitológico

excede os limites da sua condição e tenta igualar-se aos deuses, pelo que se torna culpado de insolência (*ὑβρις*), que a divindade castiga. É a noção de justa medida (*μέτρον*), a mesma afinal, que, cerca de um século antes, Sólon exprimira através da sentença de Delfos que lhe era atribuída: «nada em excesso» (*μηδὲν ἄγαν*) (PEREIRA, 2014, p. 21).

A luta do herói é para a conquista da *κλέος* (*kleos*), a “glória”, a lembrança eterna de seus feitos enquanto vivo, prova de sua “coragem” (*ἀνδρεία*, *andreia*).

² Propomos essa expressão entendendo que o herói (mítico, literário, político, etc.) guarda em si uma “síntese”, um conjunto de virtudes e vícios que respondem aos interesses de seu autor/propagador, às demandas do público e às disposições sócio-históricas do ambiente em que se está inserido. É exatamente esse conjunto de virtudes e vícios, essa síntese, que singulariza o ser dentre os seus pares.

³ Muitos inclinam-se para a ideia de “excesso”, mas para não confundir com *hubris*, prefiro “potência” aqui, que remete tanto à força quanto aos outros aspectos da vida de Hércules.

Por vezes, os heróis esbarram nos limites da “moderação” (*σωφροσύνη, sofrosine*) e da “justiça” (*δικαιοσύνη, dikaiosine*) ou mesmo os ultrapassam, pelo qual recebem a paga por seu “erro” (*ἁμαρτία, harmatía*).

Por fim, considerando os usos da figura do herói no culto, na épica e na tragédia, Nagy (2017, p. 63-64) propõe ser possível distinguir, no contexto histórico grego, três elementos básicos do *hērōs*, os quais são:

1. O herói não se ajusta a determinado tempo.
2. O herói é extremo: positivamente (por exemplo, ele é o “melhor” em dada categoria) ou negativamente (o aspecto negativo pode ser uma função da primeira característica mencionada).
3. O herói é antagonista em relação ao deus que aparenta ser parecido com ele. O antagonismo não exclui um elemento de atração (geralmente uma “atração fatal”), que pode ser manifestada de várias maneiras.

Discutido em linhas gerais o conceito herói, passemos, por conseguinte, à figura central deste estudo, Aquiles, observando como seu mito abarca essa conceituação.

1. Aquiles na tradição literária-mitológica

Para além do seu poderio bélico e da mítica invulnerabilidade, Aquiles é primordialmente reconhecido por sua ira, de maneira que, em um só qualitativo, poderíamos determiná-lo como “irascível”. À sua ira, o lendário Homero dedicou uma das suas duas grandes epopeias, cujos primeiros versos vale recordar:

Canta-me a cólera - ó deusa! - funesta de Aquiles Pelida,
Causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos sem conta
e de baixarem para o Hades as almas de heróis numerosos
e esclarecidos, ficando eles próprios aos cães atirados
e como pasto das aves. Cumpriu-se de Zeus o desígnio
desde o princípio em que os dois, em discórdia, ficaram cindidos,
o de Atreu filho, senhor de guerreiros, e Aquiles divino.
(HOMERO, *Ilíada*, I, 1-7; trad. C. A. Nunes)

Será mesmo a ira de Aquiles a estruturar a narrativa homérica central. O herói ofendido em sua *timé* por seu butim, a escrava Briseida, ter sido tomado, ultraje levado a cabo por Agamêmnon, rei supremo dos gregos. Desta desavença primeira (que já constava dos desígnios de Zeus), decorrerá uma cadeia de eventos que ligam a cólera de Aquiles, o maior dentre os aqueus, à morte de Heitor, baluarte troiano. O príncipe troiano morre pelas mãos de Aquiles por ter infligido sobre o Pelida uma ira ainda maior que a perpetrada por Agamêmnon: Heitor mata Pátroclo, amigo amado de Aquiles, em cuja vingança o grego arrasta o corpo já morto de Heitor em volta das muralhas, num ato de vilipêndio do cadáver do inimigo, mas também, e principalmente, da sua honra e do moral dos troianos. É a ira de Aquiles homérico que o faz passar da medida e faltar com a moderação.

Embora se considere Homero herdeiro de uma tradição oral que versava sobre um evento real e histórico da guerra troiana (tornada lendária por essa tradição), pode-se afirmar que a forma completa, ou canônica, da figura de Aquiles encontra-se nesse poeta. Manguel (2008), citando comentário de François-René

de Chateaubriand no prefácio a *Los Natchez* (1826), chega a afirmar que esse personagem só existe porque Homero o cantou. Se é possível isso afirmar, também o é cogitar que as demais representações do herói derivam, pelo menos em grande medida, da *Ilíada*. Certamente por isso é que Horácio, em sua célebre *Ars Poetica* (v. 119-122), exorta ao interessado em (re)narrar os mitos a atenção para com o compromisso com a representação dos personagens já bem conhecidos:

Siga a fama firmada ou forje um papel coerente,
caro escritor. Que +honorado+ seja em feitura um Aquiles,
infatigável, inexorável, iroso e amargo
negue as leis pra si e apenas aposte nas armas. (trad. Guilherme Gontijo Flores)

Com efeito, Grimal (2005, p. 36) afirma que a popularidade de Aquiles causou na Antiguidade interesse de outros poetas e contadores, os quais se apropriaram da lenda desse personagem e criaram uma espécie de complementação ao texto homérico, gerando um "ciclo de Aquiles". Narra-se que ele é filho do célebre Peleu e da ninfa Tétis e que sua educação heroica foi legada ao centauro Quíron ou ainda ao seu posteriormente escudeiro Fênix. Pseudo-Apolodoro conta que Tétis, desejando tornar o filho imortal, expunha-o ao fogo à noite e sem Peleu saber; de dia, banhava-o em ambrosia, numa espécie de forjamento do herói. O pai descobre as tentativas de Tétis, e ela acaba abandonando o filho. Peleu também se afasta da criança para participar da expedição argonáutica. Segundo Grimal (2005), Aquiles foi então criado no monte Pélion pela mãe e pela esposa do centauro, Filira. Com o tempo, o pequeno Pelida foi iniciado na caça, na adestração de cavalos, na medicina, no canto e na lira. Aquiles é descrito como uma criança que nunca pegou peito materno: ele foi alimentado de entranhas de leões e de javalis, mel e medula de urso, alimentos dos quais ele poderia, consumindo-os, tomar-lhes suas essências.

A convocação de Aquiles à expedição contra a cidade troiana é o marco inicial da sua partida, o seu "chamado do herói" (CAMPBELL, 2013). O mitógrafo Higino, em suas *Fábulas*, conta que Tétis escondeu o filho na corte de Licomedes, junto às filhas do rei, travestido como donzela e sob o nome de Pirra, porque tinha cabelos ruivos. Engravidando uma delas, Aquiles terá um filho chamado Neoptólemo. Na *Biblioteca*, do Pseudo-Apolodoro, lê-se que sobre Aquiles o adivinho Calcas informara haver uma previsão: que, para tomar Troia, os gregos precisariam de sua presença na guerra. Tétis sabia que essa expedição era sem volta para o filho, por isso tentou escondê-lo. Porém, não teve sucesso, pois Odisseu foi capaz de descobri-lo entre as filhas do rei de Ciro: arditosamente, soando uma trombeta, fez Aquiles pensar que a região estava sob ataque: com um reflexo típico de um hábil varão valente, a então Pirra armou-se e disparou para defender o local, revelando assim sua verdadeira identidade masculina.

Antes do episódio focado na *Ilíada*, variantes da trajetória do herói contam que Aquiles já junto aos gregos fez uma incursão sobre a Mísia, tendo a esquadra grega chegado àquela região por engano. Lá, o herói enfrenta Télefo, filho de Hércules, e o fere. Descoberto o erro, os gregos deixaram o local. Mais tarde, por conselho de um oráculo, Télefo vai ao encontro de Aquiles para que o herói o curasse da ferida infligida, já que a divinação de Delfos pregava que só a lança de Aquiles podia tratar da ferida que ela mesma abriu.

Em episódio posterior, narra-se que os gregos se detiveram em Áulis, onde a deusa Ártemis exigia que se fizesse um sacrifício para o tempo voltar a ficar propício à navegação. A vítima exigida pela divindade era Ifigênia, a filha de Agamêmnon. Nesse episódio, centro da peça de Eurípides, *Ifigênia em Áulis*, Aquiles se torna um joguete em uma trama: forja-se uma carta para enganar a mãe da donzela, Clitemnestra, cujo teor era um suposto casamento de Ifigênia com o herói. Quando Aquiles descobriu o engano, já não havia mais tempo para salvar a moça com suas próprias mãos.

Ainda dentre eventos anteriores aos que conta a *Ilíada*, há o ataque de Aquiles contra Linersso, ocasião em que fez Briseida sua escrava, e Agamêmnon, Criseida.

Ao longo do décimo ano, período focado pelo poema homérico, há a disputa entre Agamêmnon e Aquiles. A *Ilíada* narra que Agamêmnon destratou Crises, sacerdote de Apolo e pai de Criseida, quando este veio pedir resgate da filha. O sacerdote reclama ao deus. Apolo ouve e lança uma peste sobre a expedição grega. A pestilência apenas cessaria se Criseida fosse devolvida ao pai. Houve relutância da parte de Agamêmnon, e ele só cedeu com a condição de que Aquiles lhe transmitisse Briseida como compensação por sua perda. Aquiles sente-se ultrajado e retira-se do combate, motivo pelo qual os troianos começam a se sobressair nas batalhas. Agamêmnon tenta reaver o ânimo do herói com uma embaixada, mas não tem êxito. Quando a luta encrudesce, Pátroclo, fiel companheiro do Pelida, pede que Aquiles lhe permita levar os mirmidões ao campo e batalhar vestindo a sua armadura, assim os troianos temeriam a figura de um suposto Aquiles. O filho de Peleu permite. No entanto, embora com algumas vitórias, Pátroclo cai morto pelas mãos de Heitor. Aquiles, ao descobrir o fato, corre ao campo de batalha desarmado e impede que os troianos espoliem o cadáver de seu amado amigo. Aquiles decide, então, com um espírito cruento de vingança, esquecer a pendenga com Agamêmnon e se aplicar novamente ao combate. Agamêmnon é perdoado e devolve ao herói a escrava subtraída.

Na análise do Aquiles épico, Nagy (2017) considera que há uma substituição de uma "ira passiva", escopando os companheiros gregos, por uma "ira ativa", agora contra os inimigos. Como já bem conhecido, o ápice dessa ira ativa será a morte de Heitor e o conseqüente vilipêndio de seu corpo. Só será apaziguada essa ira quando Príamo, rei troiano e pai em sofrimento, vai beijar as mãos do assassino de seu filho. Aquiles se comove com a dor do inimigo e devolve o cadáver. Com o aplacamento dessa ira, o poema homérico encerra-se na cena do funeral de Heitor.

Apesar de anunciar a breve morte de Aquiles, a *Ilíada* não conta o fim do herói. Outras fontes narram a sua luta contra Penteseleia, rainha das amazonas, e contra Mêmnon, filho de Aurora; contam do amor que Aquiles contraiu por uma princesa troiana, Políxena. Quanto à sua morte, a tradição consagra um Aquiles perseguindo troianos quase a alcançar as muralhas da cidade, momento em que Apolo, deus partidário de Troia, exige que ele pare e se retire; o Pelida não obedece e acaba flechado pelo deus (cf. Quinto de Esmirna, *Continuação de Homero*, III, 1-185). Outras fontes, indica Grimal (2005, p. 39), dão como o lançador da flecha Páris, embora quem conduza o golpe fatal no calcanhar continue sendo o divino Apolo. Vale ressaltar que a morte de Aquiles revela um aspecto também importante para o herói mitológico, como ensinou Nagy (2017): a oposição a um deus. Apolo torna-se opositor do Pelida por ser patrono de Heitor e de Páris.

Em suma, pode-se resumir a figura canônica de Aquiles como sendo caracterizado por: ser filho de uma deidade, ter sido treinado pelo mestre mítico Quíron e ser (quase) invulnerável, belo, belicoso e irascível. Sua trajetória cumpre a formação do herói e no seu ápice é a ira, primeiro contra os seus e depois contra os inimigos, que marca sua singularidade. Sua morte se dá, direta ou indiretamente, pelas mãos de um deus antagonista, o que é igualmente digno de um herói.

2. Aquiles nas crônicas troianas: vida, amor e morte de um herói humano

Antes de comparar o modelo mitológico com a representação dos dois romances antigos, é necessária uma brevíssima introdução sobre eles. Conhecidas pelo termo “crônicas troianas” e atribuídas aos seus narradores ficcionalizados Díctis e Dares, *Ephemeris belli Troiani* (séc. IV) e *De excidio Troiae historia* (séc. V) são duas narrativas de ficção em prosa que recontam a Guerra de Troia, como os títulos já indicam. As duas obras lidam intertextualmente com Homero e com o ciclo épico-trágico e expõe os eventos desde uma perspectiva histórica de alguém que ficcionalmente viu e viveu a peleja entre gregos e troianos. Como aponta Merkle (1999), ambos consistem em versões pretensamente pré-*Ilíada* e contam a história de modo cronológico; também, em suas introduções (carta ou prólogo), ambos se apresentam como traduções de outro texto, originalmente escrito em grego. Além disso, em nenhuma das duas narrativas os deuses atuam de modo personificado, e o heroísmo se mantém na escala humana regular.

Essas obras, com seu intrincado jogo literário-filológico, ganharam repercussão e participaram como responsáveis por manter viva a Guerra de Troia no seio do Ocidente na Antiguidade tardia (MANGUEL, 2007, p. 75). Assim, para Vega e López (2001, p. 120), a Idade Média deteve o maior interesse por essas duas obras, que gozavam não só de prestígio, mas também de singular autoridade como textos fidedignos quanto aos feitos que narravam. Díctis e Dares consolidaram-se como História e Verdade diante do que em realidade não era nada mais que jogo retórico, um híbrido de mitologia, ficção e invenção pessoal deliberada (VEGA; LÓPEZ, 2001). Somente mais tarde elas passarão por escrutínio filológico e serão tratadas como “falsificações tardias” (MOVELLÁN LUIS, 2015).

Nessas obras, Aquiles aparece demasiadamente humano. Como procuraremos demonstrar nas duas seções que se seguem, a apresentação do personagem, o seu amor por Políxena e sua morte atestam aquela diminuição da aura heroica, aura que a tradição mitológica erigiu.

2.1. A fúria de um amante: Aquiles em *Ephemeris*

Acerca de Aquiles em *Ephemeris*, dois pontos são essenciais para esta análise: o primeiro é a sua contenda com Agamêmnon e o segundo é o seu amor por Políxena. O herói, filho de Peleu e de Tétis, pupilo de Quíron, é caracterizado com virtudes na conspeção física e na arte bélica. Acompanha-o seu escudeiro e conselheiro Fênix e seu grande amigo Pátroclo.

*Hic in primis adolescentiae annis, procerus, decora facie, studio rerum bellicarum omnes iam tum virtute atque gloria superabat, neque tamen aberat ab eo vis quaedam inconsulta et effera morum impatientia (Ephemeris, I, 14)*⁴

Este Aquiles, alto e de belo rosto, ainda nos seus primeiros anos de adolescência, superava a todos na arte bélica, seja por coragem, seja por glória; e não lhe faltavam uma certa violência irrefletida e uma ferina impaciência de costumes.

Todos os traços tradicionais aí estão, faltando, no entanto, qualquer menção sobrenatural que a mitologia guardava. Até mesmo a sua invulnerabilidade mítica não é citada. Em uma palavra, o Aquiles dictiano pode ser classificado como impulsivo, que, de certa forma, aproxima-se do irascível herói iliádico. É assim que Aquiles se mostra, nos primeiros momentos da história, condizente com as suas características de guerreiro glorioso. Traz consigo os mirmidões em um contingente de 50 navios (*Ephemeris*, I, 17) e participa, junto a Ajax, das incursões nas cidades vizinhas a Troia (*Ephemeris*, II, 12). A sua impulsividade já é encontrada no episódio do sacrifício de Ifigênia, em que Aquiles, após descobrir o ardid de Ulisses, que escrevera uma carta a Clitemnestra propondo falsas núpcias entre a donzela e o Pelida, invade o local do ritual para impedir a imolação de Ifigênia. Contudo, de nada vale a sua postura heroica, uma vez que, quando chega ao altar, a filha de Agamêmnon já se encontrava salva por um milagre atribuído à deusa Diana: quando os responsáveis pela imolação iam consumá-la, houve uma mudança de atmosfera e uma voz sentenciou que a moça deveria sobreviver e que um animal ocuparia o seu lugar no sacrifício. A única ação que o Pelida realiza é confiar Ifigênia ao rei dos citas (*Ephemeris*, I, 22). Na leitura de Zanusso (2015, p. 123), a cena poderia até ser considerada de laivo cômico, já que Aquiles nessa ocasião serviu exclusivamente como *medium* mecânico para subtrair fisicamente a jovem do local, ato de heroísmo pífilo.

Outro episódio que vale discutir é aquele que canta a *Ilíada*: a ira de Aquiles contra Agamêmnon. Aquiles em suas campanhas contra cidades próximas de Troia havia adquirido como espólio Astínome, filha de Crises, e também Hipodâmia, filha de Briseu (*Ephemeris*, II, 17), ficando Aquiles com Hipodâmia e dando Astínome a Agamêmnon (*Ephemeris*, II, 19).⁵ O sacerdote Crises reclama a filha, trazendo em mãos objetos sacros e também riquezas. Apesar de a cena e as palavras de Crises comoverem os soldados, nada disso persuadira o pertinaz Agamêmnon, que vai contra o desejo coletivo. Crises sai ultrajado e uma peste cai sobre seus ofensores, o que muitos acreditavam ter sido intervenção do deus a que servia (*Ephemeris*, II, 30), mal que assolava tanto animais quanto homens, mas mantinha os comandantes ilesos. As cenas seguintes realçam o embate entre Aquiles e Agamêmnon, em especial em relação à condução deste em relação à crise instalada. O adivinho Calcas expõe a solução e, assim como em Homero, Agamêmnon concorda em devolver a filha de crise se recebesse a escrava de Aquiles como compensação. Embora a condição parecesse absurda para todos, Aquiles aceitou, pois para ele o mais importante era o bem do exército. Aquiles é caracterizado com um altruísmo extremo, a ponto de abdicar de um direito seu em favor dos soldados "tamanho era o amor para com o exército e o cuidado que havia no espírito de ínclito adolescente" (*Ephemeris*, II, 33; *Tantus amor erga exercitum curaque in animo egregii adolescentis insederat.*). É nesse amor e nesse

⁴ Todas as traduções das crônicas para o português são de nossa autoria.

⁵ A saber, Astínome e Hipodâmia são, respectivamente, Criseida e Briseida.

cuidado que Aquiles mais aparece como extremo oposto de Agamêmnon, que por amor a uma mulher escrava e por negligência faz muitos dos seus perecerem. Contudo, apesar de consentir com o ato, Aquiles se sente ofendido porque ninguém o havia defendido (*Ephemeris*, II, 51). Essa é a razão de Aquiles se retirar da luta. Movellán Luis (2015) salienta que o Pelida ficara enfurecido também pelo fato de Agamêmnon não o ter convidado para um banquete, desonra direta ao valor do herói:

Is namque, quamquam ob inlatam ab Agamemnone iniuriam et abductam Hippodamiam nihil animi remiserat, tamen maxime indignatus, quod reliquis ducibus ad cenam deductis solus contemptui habitus intermitteretur. (*Ephemeris*, II, 36)

Ele [Aquiles], de fato, não só por causa da ofensa perpetrada por Agamêmnon e por causa da subtração de Hipodâmia não havia tirado o ocorrido da cabeça, mas também e principalmente se sentia indignado porque os demais chefes haviam sido convidados a um festim em que só ele ficara de fora, em sinal de menoscabo.

A revolta de Aquiles é tamanha que decide vingar-se com as próprias mãos (*Ephemeris*, II, 37). Todavia, Ulisses descobre e impede a tentativa. Este pode ser tanto um sinal de que Aquiles perdera importância dentro do exército, já que sua ausência não afetou o desempenho grego na batalha, quanto pode ser indicativo de que o amor que nutria pelo exército esfriara. Seja como for, a atitude de querer vingar-se sozinho de todo exército grego é mais uma amostra de sua impaciência, como propõe Merkle (1999).

Por fim, com o fito de reaver o ânimo do Pelida, Agamêmnon devolve Hipodâmia e assume que havia feito tudo aquilo não por amor à escrava mas por raiva (*Ephemeris*, II, 49). Por sua parte, Aquiles aceita voltar às atividades bélicas, por respeito aos amigos e por aquele mesmo cuidado para com o exército que antes parecia não mais existir. A reconciliação fecha-se com Aquiles participando em um festim em que assume lugar de prestígio (*Ephemeris*, II, 52). Dessa forma, há uma subversão paródica da *Ilíada*, retirando a morte de Pátroclo do fim da primeira ira de Aquiles. Sendo assim, a morte de Pátroclo perde sua importância tradicional, embora ocorra na narrativa.

Não será também Pátroclo o pivô da morte de Heitor, mas sim o coração de Aquiles: em um momento de trégua, os gregos e troianos se misturavam para honrar os deuses e então o Pelida se apaixona à primeira vista pela filha de Príamo, Políxena, que prestava honras a Apolo (*Ephemeris*, III, 2). A presença sutil de Apolo é, ao nosso ver, uma reminiscência da intervenção épica dos deuses, uma piscadela ao leitor atento a esse jogo literário, haja vista que será neste mesmo templo que Aquiles perderá sua vida em razão mesmo de seu amor pela donzela.

Conforme cresce o amor no coração de Aquiles, nasce o desejo de ter a amada para si. Ele envia um mensageiro para tratar com Heitor sobre a virgem, mas o príncipe troiano coloca como condição de casamento a entrega do exército grego (*Ephemeris*, III, 2). Mesmo em um estado de amor intenso, seu zelo pelo exército mais uma vez se apresenta maior: ele declina da proposta de Heitor e promete-lhe vingança (*Ephemeris*, III, 3). A vingança ocorre, mas de um jeito nada digno de um herói como aquele Pelida representado na tradição: Heitor vai receber a amazona Pentésilieia, mas será emboscado e morto por Aquiles (*Ephemeris*, III, 15). O filho de Tétis toma a decisão de vilipendiar o corpo de Heitor arrastando-o até o acampamento, em "uma nova e miserável espécie de

castigo" (*Ephemeris*, III, 15; *genus poenae novum miserandumque*). Além desse ato de crueldade, Aquiles comete outro ao deixar um homem da comitiva troiana vivo e dispensá-lo com as mãos amputadas para avisar o ocorrido a Príamo.

Mais tarde, ocorre a cena de Príamo implorando pelo corpo de seu filho, oferecendo a Aquiles riquezas e a mão de Políxena. Aquiles se comisera pelo velho, que havia demonstrado coragem ao atravessar o acampamento inimigo para requisitar o corpo do filho; então ele devolve o cadáver de Heitor, protelando o casamento com Políxena para outro momento, o que demonstra um valor ético de Aquiles e seu senso de justiça.

Por fim, em uma ocasião de paz (*Ephemeris*, IV, 10), Príamo envia um mensageiro para tratar de casar Políxena com Aquiles. O Pelida conversava em separado no bosque sagrado com o mensageiro, porém essa notícia chegou aos navios gregos e levantou suspeita de traição, cujo precedente já mencionamos. Diomedes, Ulisses e Ájax procuram Aquiles para comprovar o fato e ficam esperando o herói sair do templo de Apolo. Mas de lá ele não sairia sozinho, nem vivo: Alexandre e Deífobo haviam armado uma emboscada contra Aquiles; este, em nada suspeitando, foi um alvo fácil. Suas últimas palavras são um atestado de fracasso de um herói que era o maior dentre os gregos, mas morrera como um tolo. Leia-se o trecho:

Achilles extremum adhuc retentans spiritum: "Dolo me atque insidiis, inquit, Deiphobus atque Alexander Polyxenae gratia circumvenere." Tum exspirantem eum duces amplexi cum magno gemitu atque exosculati postremum salutant. Denique Ajax exanimem iam umeris sublatum e luco effert. (Ephemeris, IV, 11)

Aquiles, retendo seu último suspiro, declarou: "Por meio de um engano e de armadilhas, Deífobo e Alexandre investiram contra mim, graças a Políxena". Ele já expirando, com grande clamor os comandantes tomam-no nos braços e o saúdam com um derradeiro ósculo. Em seguida, Ájax colocou-o sobre os ombros e o carregou para fora do santuário.

Ájax, quando viu a cena do assassinato de seu companheiro, foi taxativo: "Então disse Ájax: 'confirmou-se verdadeiro: dentre os mortais não houve nenhum homem que te pudesse superar em coragem, mas, como está patente, a tua irrefletida temeridade o traiu". (*Ephemeris*, IV, 11; *Tum Ajax: "Fuit, inquit, confirmatum ac verum per mortales nullum hominum existere potuisse, qui te vera virtute superaret, sed, ut palam est, tua te inconsulta temeritas prodidit."*). A impulsividade de Aquiles, cego por amor, levou-o à perdição. De fato, em *Ephemeris*, como Merkle (1996, p. 569, n. 11) já observou, o amor por mulheres tende a degradar a postura e a ética masculinas e a figura feminina é tratada como nociva em diversos comentários misóginos nesse romance (SILVA, 2021). Inclusive, a última vítima desse amor furioso de Aquiles por Políxena é a própria virgem, sentenciada quando já caída Troia: Neoptólemo, filho Aquiles, incentivado por Ulisses, imola a donzela em homenagem ao pai (*Ephemeris*, V, 13).

Nessa breve descrição do Aquiles dictiano, pode-se observar que: ele não é invulnerável, muito menos detém gene divino; sua ira tem a importância diminuída, assim como a sua presença em campo de batalha; apesar de ser um bom companheiro, que ama o exército e é por ele amado, sofre menosprezo e tem sua honra abalada; seu amor furioso por Políxena causa a morte de Heitor, em ato fora da moderação; esse mesmo amor provoca o óbito do próprio Pelida e da donzela troiana; e, por fim, sua morte é a sentença máxima da diminuição do seu caráter heroico, já que não é vitimado nem no campo de batalha por um nobre

guerreiro, nem por uma provisão divina, mas sim apunhalado em uma armadilha covarde.

2.2. Um amante ingênuo: Aquiles em *De excidio*

A atmosfera na crônica de Dares é semelhante à de Díctis. Na descrição fornecida pelo narrador, não há nada de divino na constituição do herói, apenas é salientada a sua fisionomia e indicado algum traço de caráter:

Achillem pectorosum ore venusto membris valentibus et magnis iubatum bene crispatum clementem in armis acerrimum vultu hilari largum dapsilem capillo myrteo. (De Excidio, XIII)

Aquiles tinha o peito largo, um aspecto bonito, membros robustos e grandes, cabeleira bem crespa, era clemente, bastante impetuoso nas armas, com rosto alegre, largo, generoso e de cabelo cor de murta.

Destacam-se dois atributos, que coincidem com a representação dictiana: bastante impetuoso nas armas e clemente. A descrição física de Aquiles como belo é tópico também homérico (cf. χαριέν [...] πρόσωπον, “belo rosto”; HOMERO, *Ilíada*, XVIII, 24). Como observa Ziegler (2012, p. 72), não sendo divino, mas mantendo seu teor bélico, a narrativa daretiana acentua a humanidade de Aquiles, pois não mais é invulnerável, sendo inclusive ferido algumas vezes ao longo das batalhas (cf. *De excidio*, XXIV e XXXIII).

Quando a guerra já havia sido declarada, os gregos se juntaram em Atenas e lá Agamêmnon convocou uma assembleia. Decidiu-se ser conveniente enviar a Delfos representantes para que consultassem o oráculo. Aquiles e Pátroclo tomam essa responsabilidade. A resposta foi positiva e o oráculo determinou o décimo ano como o momento da vitória grega sobre Troia. Além de seu papel de emissário, Aquiles também desempenha feitos ilustres, como espoliar a Mísia (*De excidio*, XVI). Sua potência é tão grande, que é capaz de espantar todo o exército troiano: “Depois que houve grande perda de ambos os lados, Aquiles chegou: este colocou todo o exército em fuga e reconduziu-o a Troia.” (*De excidio*, XIX; *Postquam magna caedes utrimque facta est, advenit Achilles. Is totum exercitum in fugam vertit, redegit in Troiam*). No entanto, no dia seguinte, Heitor realiza suas proezas em campo e mata Pátroclo e tenta espoliá-lo. Os gregos conseguem conservar a muito custo o corpo de Pátroclo. Aquiles o chora e realiza jogos fúnebres em sua honra.

Ao contrário do que ocorre em *Ephemeris*, não há uma clara oposição entre Agamêmnon e Aquiles; pelo contrário, a disputa pelo comando que há na narrativa entre Agamêmnon e Palamedes desagrade a Aquiles, agregando peso a sua ira posterior (ZIEGLER, 2012, p. 84; cf. *De excidio*, XXV). Também diferentemente de *Ephemeris*, a morte de Heitor não ocorre diretamente em razão de Aquiles amar a Políxena, mas como ato de proteção do exército:

Achilles ut respexit multos duces eius dextera cecidisse, animum in eum dirigebat, ut illi obvius fieret. Considerabat enim Achilles nisi Hectorem occideret plures de Graecorum numero eius dextera perituros. Proelium interea concluditur. Hector Polypoetem ducem fortissimum occidit dumque eum spoliare coepit, Achilles supervenit. Fit pugna maior, clamor ab oppido et a toto exercitu surgit. Hector Achillis femur sauciavit. Achilles dolore accepto magis eum persequi

coepit nec destitit, nisi occideret. Quo interempto Troianos in fugam vertit et maxima caede laesos usque ad portas persequitur: cui tamen Memnon restitit. Et inter se acriter pugnaverunt, laesi utrique discesserunt. Nox proelium dirimit. Achilles saucius de bello rediit. Noctu Troiani Hectorem lamentantur, Graiugenae suos. (De excidio, XXIV).

Aquiles, quando notou que muitos comandantes morriam à sua destra, vinha a ele o desejo de fazer frente a Heitor. Aquiles, com efeito, considerava que, se não matasse Heitor, ao seu lado os gregos pereceriam em grande número. Enquanto isso, o prélio torna-se hostil. Heitor mata o valentíssimo comandante Polipetes e, quando começa a espoliá-lo, Aquiles chega. A luta faz-se maior, surge, da cidade e de todo o exército, um clamor. Heitor dilacera o fêmur de Aquiles. Tomado pela dor e ainda sendo perseguido, Aquiles não cessa até matar o inimigo. Depois de conseguido, colocou os troianos em fuga e a grande matança persegue os feridos até às portas. Todavia, Mêmnon resistiu à investida e eles lutaram agudamente: os feridos de ambos os lados fugiram. A noite interrompeu o prélio. Aquiles voltou ferido da guerra. Durante a noite, os troianos lamentam Heitor. Os gregos, os seus. (*De excidio, XXIV*).

Observa-se como são salientados os atributos de Aquiles como impetuoso no combate. Ademais, vale ressaltar que o motivo do vilipêndio do corpo de Heitor não ocorre nesta cena, o que é uma ruptura considerável com a tradição. Essa mudança de enredo lança uma armadilha para o leitor conhecedor de Homero, que logicamente esperaria o ápice da ira de Aquiles na sua tradicional superação da moderação. Por fim, o Pelida ferido é mais um dado do afastamento da tradição mitológica. Em lutas posteriores, ele sofre outros ferimentos.

Quando morre Heitor, Troilo assume sua posição na preocupação da mente grega, haja vista que seu desempenho em batalha não era menor que o de seu falecido irmão (*De excidio, XXX*: "Diomedes e Ulisses começam a declarar que Troilo era um varão valentíssimo, não menos que Heitor."; *Diomedes et Vlixes dicere coeperunt Troilum non minus quam Hectorem virum fortissimum esse*). A essa altura, Aquiles se fazia ausente da batalha em razão de seu amor por Políxena. Ele havia se apaixonado pela moça no aniversário de morte de Heitor, evento ao qual comparecem todos os cidadãos troianos. Nessa oportunidade,

Quibus obvius fit Achilles: Polyxenam contemplatur, figit animum, amare vehementer eam coepit. Tunc ardore compulsus odiosam in amore vitam consumit et aegre ferebat ademptum imperium Agamemnoni sibi que Palamedem praepositum. Cogente amore Phrygio servo fidelissimo mandata dat ferenda ad Hecubam et ab ea sibi uxorem Polixenam poscit: si dederit, se cum suis Myrmidonibus domum rediturum, quod cum ipse fecerit, ceteros porro ductores idem facturos. (De excidio, XXVII)

Ao encontro deles fez-se Aquiles: contempla Políxena, abala a alma e começa a amá-la veemente. Então, compelido pelo ardor, torna odiosa a vida em razão do amor e penosamente recebia a retirada do domínio de Agamêmnon e a transferência para Palamedes. Coagido pelo amor, por meio de um fidelíssimo escravo frígio dá presentes a serem entregues a Hécuba e pede a ela Políxena como sua esposa. Se a desse, partiria rumo à casa junto com os mirmidões. Fazendo ele aquilo, os demais generais, pois, igualmente fariam.

Hécuba recebe o mensageiro e manda-o retornar avisando que trataria sobre o tema com Príamo. Quando o faz, Príamo desaprova alegando que não conviria casar a filha com um inimigo, além de duvidar que os outros chefes gregos partiriam. Exigia o rei troiano que, primeiro, fizesse-se um pacto de paz eterna, depois haveria de cumprir-se o casamento. Após saber das condições, o

perdidamente apaixonado Aquiles tenta sorratamente persuadir os gregos, sem revelar-lhes, no entanto, o seu real intento, mas expondo a retórica corrente de Helena como causa de todos os males:

Achilles queritur in vulgus, unius mulieris Helenae causa totam Graeciam et Europam convocatam esse, tanto tempore tot milia hominum perisse, libertatem in ancipiti esse, unde oportere pacem fieri, exercitum reducere. (De excidio, XXVII)

Aquiles lamenta-se junto ao povo: por causa de uma só mulher, Helena, toda a Grécia e a Europa foram convocadas e, por tanto tempo, tantos mil homens haviam perecido, a liberdade transformara-se em algo duvidoso; oportuno parecia, pois, selar a paz e que o exército batesse em retirada. (*De excidio, XXVII*)

Porém, quando um novo ano se inicia, a despeito da argumentação de Aquiles, o exército grego se apresta para o combate. Daí nasce, de fato, a cólera do Pelida: "Irado, Aquiles não avança ao prélio." (*De excidio, XXVIII; Achilles iratus in proelium non prodit*). Aquiles não se abala nem mesmo quando os troianos sitiavam o acampamento e incendeiam os navios. Quando Palamedes morre em batalha e Agamêmnon reassume seu posto máximo (*De excidio, XXIX*), o chefe supremo manda uma embaixada a Aquiles (*De excidio, XXX*). Ele, porém, segue relutante para que, cumprindo o estabelecido por Hécuba, ele conseguisse consumir seu amor com Políxena. A inércia de Aquiles incomoda os embaixadores, que retomam o motivo de "uma mulher por muitos" para criticar o Pelida:

coepit male eos accipere qui ad eum venerant, dicens debere perpetuam pacem fieri, tanta pericula unius mulieris causa fieri, libertatem periclitari, tanto tempore desiderare: pacem exostulat, pugnare negat. (De excidio, XXX)

Começa a receber mal aqueles que a ele haviam vindo, pois diziam que, ao comprometer-se em realizar perpétua paz, em meio a tantos perigos por causa de uma só mulher, ele arriscava a liberdade que há tanto tempo se desejava. Ele insiste na paz, nega-se a lutar.

Mesmo sem Aquiles, Agamêmnon decide avançar contra os troianos, tendo como incentivo o augúrio anunciado por Calcas. Do outro lado, à testa do exército troiano, Troilo demonstra sua valentia, ferindo Menelau e Diomedes e matando muitos gregos. Diante de tantas baixas, Aquiles promete emprestar aos gregos sua tropa, embora ele mesmo não vá (*De excidio, XXXI-XXXII*). Mesmo com o exército do Pelida, os gregos sofrem mais uma derrota nas mãos de Troilo. É então que Aquiles decide tomar partido novamente da guerra, mas é ferido pelo chefe troiano.

Die septimo dum utriusque exercitus proelio facto inter se pugnant, Achilles, qui aliquot dies vexatus in pugnam non prodierat, Myrmidones instruit: alloquitur hortatur, ut fortiter inpressionem in Troilum faciant. Postquam maior pars diei transiit, prodit Troilus ex equo laetus. Argivi maximo clamore fugam faciunt, Myrmidones supervenerunt, inpressionem in Troilum faciunt, de quorum numero multi a Troilo occiduntur: dum acriter proeliantur, equus vulneratus corrui, Troilum implicitum excutit. Eum cito Achilles adveniens occidit, ex proelio trahere coepit, quod Achilles interventu Memnonis complere non potuit. Adveniens enim Memnon et Troili corpus eripuit et Achillem vulnere sauciavit. Achilles de proelio saucius rediit. Memnon insequi eum cum multis coepit, quem Achilles ut respexit, substitit: curato vulnere et aliquamdiu proeliatu Memnonem multis plagis occidit et ipse vulneratus ab eo ex proelio recessit. Postquam Persarum

ductor occisus est, reliqui in oppidum confugerunt, portas cluserunt. Nox proelium dirimit. (De excídio, XXXIII)

No sétimo dia, enquanto os dois exércitos, feito o prélio, lutavam entre si, Aquiles, que, por estar debilitado, não havia avançado à luta já há vários dias, instrui os mirmidões. Toma a palavra e encoraja que com insistência fizessem um ataque contra os troianos. Depois que a maior parte do dia passou, montado a cavalo, Troilo, animado, avança. Os argivos, com grande clamor, empreendem fuga. Os mirmidões chegaram. Fazem um ataque contra Troilo, do número dos quais muitos são mortos por ele. Enquanto agudamente se combatia, o cavalo desaba ferido e derruba embaraçado Troilo. Chegando rapidamente, Aquiles o mata e começa a arrastá-lo do prélio, o que não é capaz de dar cabo por causa da chegada de Mêmnon. De fato, chegando Mêmnon, não só lhe arranca o corpo de Troilo, mas também rasga Aquiles com um ferimento. Aquiles volta do prélio ferido. Mêmnon começa a segui-lo com muitos, de quem Aquiles se ocupa, resistindo-lhe: recuperado do ferimento, e tendo lutado por algum tempo, mata Mêmnon com muitos golpes e ele bate em retirada do prélio, ferido por aquele. Depois que o capitão dos persas foi morto, os demais fugiram todos para a cidade e fecharam as portas. A noite interrompe o prélio.

Abalada pela sua segunda perda de um filho e por ter Aquiles rasgado o compromisso selado com ela, Hécuba trama com Alexandre uma emboscada contra o Pelida, usando de pretexto o casamento prometido. Marca-se um encontro no templo de Apolo e então:

Interea Achilles sequenti die cum Antilocho Nestoris filio ad constitutum veniunt, simulque fanum Apollinis ingrediuntur, undique ex insidiis occurrunt, tela coniciunt: Paris hortatur. Achilles cum Antilocho brachio sinistro chlamyde involuto enses dextra tenentes, impetum faciunt. Exinde Achilles multos occidit. Alexander Antilochum interimit ipsumque Achillem multis plagis confodit. Ita Achilles animam ex insidiis nequiquam fortiter faciens amisit. Quem Alexander feris et volucris proici iubet. Hoc ne faciat Helenus rogat, tunc eos de fano eici iubet et suis tradi: quorum corpora accepta Argivi in castra ferunt. (De excídio, XXXIV)

[...] Aquiles, no dia seguinte, com Antíloco, filho de Nestor, chega ao local acordado e logo entra no templo de Apolo; por todos os lados lhes caem armadilhas, Páris encoraja que pelejem com armas. Aquiles junto a Antíloco, com o braço esquerdo coberto por uma clâmide, à destra ambos tendo espadas, fazem uma investida. Em seguida, Aquiles mata muitos. Alexandre golpeia fatalmente Antíloco e o próprio com muitos golpes transpassa. Assim, em vão resistindo fortemente, Aquiles perdeu a vida numa emboscada. Alexandre ordena que ele fosse lançado às feras e aves. Heleno roga que Aquiles não fosse feito, depois ordena que se retirassem do templo e que aqueles fossem confiados aos seus, cujos corpos os argivos levaram para o acampamento.

Assim como em *Ephemeris*, Aquiles cai vitimado por um ardil do inimigo, sem nenhuma cena heroica que lhe faça jus. Alexandre tenta até vilipendiar o corpo do Pelida e só é parado por Heleno, devoto de Apolo, que se comiseria do inimigo por sua ética piedosa. Com uma morte atroz e nada digna do mais valente dentre os gregos, resta depois de morto ter seu último resquício de dignidade salvo pela misericórdia de um inimigo.

Por fim, mais tarde, assim como reza o mito de Políxena, ela será degolada no túmulo de Aquiles pelas mãos de Neoptólemo. Dessa forma, o Aquiles daretiano se mostra vítima de um amor que o cega e entrega-o a uma ingenuidade fatal.

Considerações finais

Em nossa análise, exploramos as crônicas de Díctis e Dares e seu projeto paródico em relação ao ciclo troiano, o qual consiste em trazer uma atmosfera historicizante à narrativa mitológica tradicional. Nesse projeto, o procedimento de desmitologização atinge não só a presença dos deuses, que se torna rarefeita nesses romances, mas também a constituição do herói. Assim, ao tomar Aquiles como objeto de análise, percebemos que, apesar de manter suas virtudes, as inovações e rupturas que os narradores Díctis e Dares produzem em sua narração levam a uma nova representação do Pelida, que passa a ser mais humanizado do que divinizado. Assim, podemos caracterizar tanto o Aquiles dictiano quanto o daretiano como irascível, assim como o é o homérico, mas essa ira perde seu peso heroico e se torna uma impulsividade passional. Essencialmente é o episódio de seu amor por Políxena que leva Aquiles à morte, de maneira traiçoeira nos dois romances. Ao morrer em uma emboscada, reflexo de atitudes às vezes pouco dignas que o herói performa ao longo de sua participação da guerra, sua honra como o maior dentre os gregos é desbastada a ponto de ser ele caracterizado como impulsivo em *Ephemeris* e encenado, de certa forma, como ingênuo em *De excidio*.

Cabe ainda salientar que, apesar de não haver uma direta intervenção de Apolo no antagonismo a Aquiles, o fato de o Pelida se apaixonar por Políxena e de ser morto no templo desse deus é um resquício da tradição mitológica, ou melhor: é uma marca da racionalização do mito clássico. A racionalização do mito fica mais evidente no abandono da invulnerabilidade e da divina linhagem do herói assumido nas narrativas.

Por fim, é interessante observar que essa inovação de ênfase no amor de Aquiles por Políxena será tendência a partir da Idade Média, desde o *Roman de Troie*, de Benoît de Sainte-Maure, herdeiro direto dessas obras pós-clássicas. Com efeito, talvez seja pela natureza passional do Aquiles representado nessa vertente que Dante Alighieri reservar-lhe-á o segundo círculo do Inferno na *Divina Comédia*, o vale dos ventos, onde se punem as almas com ventania incessante que as lançam para todos os lados, pois em vida teriam elas deixado se levar pelas paixões. No mesmo círculo estão Páris, Helena, Cleópatra e outras figuras para as quais a desgraça foi trazida pelo amor.

SILVA, G. S. *Achilles in the Trojan Chronicles of Dictys and Dares*. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 351-367, 2022.

Referências

AULETE. Dicionário online. Verbete "herói". Disponível em: <http://www.aulete.com.br/her%C3%B3i>. Acesso em: 25 nov 2020.

BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 1987.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 2013.

FRAZER Jr., R. M. *The Trojan war*. The Chronicles of Dictys of Crete and Dares the Phrygian. Indiana: Indiana University, 1966.

GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 5.ed. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUAL, C. G. Un truco de la ficción histórica: el manuscrito reencontrado. In: *1616*, X, 1996, p. 47-60.

HOFMANN, H. Introduction. In: HOFMANN, H. *Latin fiction: The Latin novel in context*. London: Routledge, 1999, p. 1-16.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. 5.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

HORÁCIO. *Arte Poética*. Ars poetica. Tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Edição bilíngue. Coleção Clássica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

LENTANO, Mario; ZANUSSO, Valentina. Ditti Cretese e Darete Frigio: rassegna degli studi (2005–2015). *Revue des études tardoantiques*, v. 6, p. 255-296, 2016.

MANGUEL, A. *Ilíada e Odisséia*. Uma biografia. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MERKLE, S. News from the past. Dictys and Dares on the Trojan War. In: HOFMANN, H. (Ed.). *Latin fiction: the Latin novel in context*. London: Routledge, 1999. p. 132-140.

MERKLE, S. The truth and nothing but the truth: Dictys and Dares. In: SCHMELING, G. (Ed.). *The Novel in the Ancient World*. Boston-Leiden: Brill, 1996. p. 563-580.

MOVELLÁN LUIS, M. *La crónica troyana de Dictis de Creta: trama épica y falsa historia*. 2015. Tese (Doutorado em Filologia Grega) – Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2015. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/33227/1/T36401.pdf>. Acesso em: 13 mar 2017.

NAGY, G. *O herói épico*. Tradução Félix Jácome. Coimbra: Pombalina, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1477-9>. Acesso em: 28 set 2020.

PEINADO, E. G. *La Ephemeris Belli Troiani: Edición del texto y estudio de los aspectos filológicos e literarios*. 2015. Tese (Doutorado em Antiguidade) - Faculdade de Filosofia e Letras, Universidad de Alicante, Alicante, 2015. Disponível em: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/54016/1/tesis_gomez_peinado.pdf. Acesso em: 20 abr 2017.

PEREIRA, M. H. da R. *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira II: Estudos sobre a Grécia Antiga: Artigos*. Coimbra: Pombalina, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0829-7>. Acesso em 12 set 2020.

SOUSA SILVA, G. *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis: estudo e tradução*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas,

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", S.J. do Rio Preto, 2019. Disponível em: [pdf?sequence=8](#). Acesso em: 14 jul 2020.

SILVA, G. S. Uma mulher no campo de batalha: Pentésiléia em *Ephemeris belli Troiani*, de Díctis Cretense. *Olho d'água*, v. 12, n. 2, 2021. Disponível em: <http://200.145.201.15/index.php/Olhodagua/article/view/749/621>. Acesso em: 12 set 2022.

VEGA, M. F. del B.; LÓPEZ, V. C. *La Ilíada latina, Diario de la guerra de Troya de Dictis Cretense y Historia de la destrucción de Troya de Dares Frigio*. Madrid: Gredos, 2001.

ZANUSSO, V. Introduzione. In: LELLI, E. et al. *L'altra Iliade: Il diario di guerra di un soldato greco. Con la storia della distribuzione di Troia di Darete Frigio ei testi bizantini sulla guerra troiana*. Milão: Bompiani, 2015.

ZIEGLER, J. *Die Gestalt des Achilles in den lateinischen nachklassischen Trojadarstellungen der Antike: Ilias Latina, Dictys Cretensis, Dares Phrygius, Excidium Troiae*. 142f. 2012. Tese (Doutorado em Latim). Universität Wien. Disponível em: <https://theses.univie.ac.at/detail/16718#>. Acesso em: 12 jul 2018.